

A REPRESENTAÇÃO DE JOANA D'ARC: UM ESTUDO COMPARADO DA OBRA DE DELARME MONTEIRO SILVA E ERICO VERISSIMO

JEHNIFER PENNING¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES SILVA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – j-penning@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

A figura de Joana d'Arc despertou e continua despertando bastante interesse em muitos pesquisadores. Joana d'Arc, jovem francesa e destacada guerreira na Guerra dos Cem Anos, já foi representada por diversos autores em diversas mídias desde sua morte na fogueira em Ruão, 1431.

Pretendemos, com este artigo, analisar duas obras literárias que retratam a figura da jovem francesa, sendo estas o cordel *Joana d'Arc – a heroína da França* (s/d), de Delarme Monteiro Silva, e o romance *A vida de Joana d'Arc* (1935), de Erico Verissimo. Refletiremos, nesta análise, acerca da construção da figura feminina atentando para as características que são atribuídas à personagem, principalmente, no que tange à relação estabelecida com as figuras masculinas. Para tanto, levaremos em consideração questões relativas às construções dos saberes a respeito do gênero (SCOTT, 1995). Desta forma, o ponto principal desta apresentação é, portanto, analisar a representação de Joana d'Arc no cordel cotejando com o romance.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para este trabalho foi a da análise comparada. Analisamos duas obras literárias, um romance e um cordel, e as cotejamos, atentando para a construção e representação do feminino em cada uma. A comparação se deu dentro das características e particularidades de cada gênero, ou seja, conforme o cordel e o romance.

Para podermos compreender e falar do gênero literário cordel, utilizamos como embasamento as pesquisas de Jerusa Ferreira. Também foi imprescindível a leitura de obras que abarcassem o período medieval, principalmente no que tange às figuras femininas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da comparação entre a representação da figura de Joana d'Arc no cordel e no romance, pudemos chegar às seguintes conclusões.

Enquanto o cordel, ao construir a personagem, busca manter uma proximidade histórica, ou seja, procura não desviar sua narrativa daquilo que se construiu como verdade sobre o passado de Joana d'Arc, o romance não tem tal preocupação. No romance, a construção da personagem foi muito além do que se tem de informação historiográfica acerca da jovem francesa, pois cria-se para a jovem um passado, uma família, amigos e inclusive fala-se de um rapaz que se apaixonou por ela.

Analisando as características dadas à personagem, a que mais se destacou, no romance, foi a personalidade santificada que o narrador deu a Joana, transformando-a em um mito.

Quando a Donzela passa por eles em cima do seu cavalo, como uma visão branca varando o crepúsculo, todos os corações se animam. Porque se irradia da guerreira uma luz tão clara, e o rosto dela é tão lindo e tão sereno que os soldados sentem que estão ao lado de Deus. (VERISSIMO, 1997, p.155)

Já no cordel, a característica que mais recebeu destaque foi o caráter heroico da jovem d’Arc, a determinação com que comandava seu exército.

Feroz luta corpo-a-corpo/ Travou-se na fortaleza./ Joana puxou a espada,/ Brandiu-a com a tal destreza,/ Transformando-se em derrota/ Para a guarnição inglesa./ E, a seu lado, La Hire,/ Comandante dos franceses,/ Entrava em luta cerrada/ Com o chefe dos ingleses. (...) Assim, os dois se atacaram/ Com uma fúria voraz:/ As espadas se chocavam/ Em golpes descomunais;/ As durindanas tiniam/ Nas cutiladas mortais. (...) Joana, vendo o triunfo,/ Baixou a espada cortante/ E disse pro chefe inglês:/ - Entrega-te, comandante,/ Antes que teu corpo caia/ Na fogueira crepitante! (SILVA, s/d, p. 19)

Outra particularidade observada foi a diferença na escolha da personagem em apresentar-se socialmente como um masculino. Joana d’Arc, do romance, recebeu ordens divinas para que adotasse tal comportamento.

Segue ela pelo longo corredor cheio de janelas. Ainda não despiu as roupas de homem, apesar das damas lhe terem oferecido roupas de mulher. – Foi assim que eu vim para a França pela vontade de Deus – respondeu Joana delicadamente, – e continuar vestida deste modo é manter-me fiel à minha missão. (VERISSIMO, 1997, p. 248)

Já na narrativa de Silva, a personagem não recebeu nenhuma mensagem divina que lhe pedisse para vestir-se e comportar-se como homem. Joana d’Arc, do cordel, escolheu por si só adotar tal personalidade: “Tem uma coisa/ Que eu vos quero dizer:/ Quero uma roupa de homem –/ Assim terei mais prazer!/ Os homens se retiraram,/ Prometendo isto fazer” (SILVA, s/d, p. 10).

Em ambas as narrativas, a personagem foi uma mártir, ou seja, passou por grande sofrimento com o intuito de sustentar sua fé. Na narrativa de Verissimo, a personagem sempre soube do perigo que corria por defender seus ideais. Mesmo assim, como toda mártir, não recuou.

Podem me esfaquear os membros... – diz ela. – Podem me arrancar a alma do corpo... Eu não hei de dizer mais do que já disse. E mesmo que dissesse havia de declarar depois que fora obrigada pela dor... (VERISSIMO, 1997, p. 279)

Igualmente, na narrativa de Silva, a personagem sabia do que a esperava caso não hesitasse e voltasse atrás em suas afirmações. Entretanto, como no romance, a personagem do cordel também nada do que disse negou.

só te podes salvar/ Pra não morreres queimada,/ Se renegares as Vozes -/ Embora sendo cilada,/ Dizendo lá aos juizes/ Que jamais ouviste nada!/ Disse ela: - Não, meu padre!/ Eu nunca renegarei/ As belas Vozes divinas,/ Que na capela escutei!/ Para salvar minha vida,/ Minha alma não mancharei. (SILVA, s/d)

Pudemos perceber, no cotejo entre a narrativa do cordel e do romance, que foi distinto o modo como se deu o encerramento das narrativas. No cordel, a

personagem Joana d'Arc é queimada viva na fogueira, em Ruão, e um padre ora por sua memória e por suas grandes conquistas na Guerra dos Cem Anos a favor da França. Já no romance, a narrativa finda de outra maneira; há três homens que ficam encarregados de recolher os restos da prisioneira que fora queimada na fogueira, Joana, e estes encontram seu coração, intacto, por entre as cinzas.

Podemos pensar que, com tais encerramentos, o narrador do cordel optou por ressaltar a memória e a grande importância que teve a personagem para a nação francesa, já que o caráter heroico de Joana d'Arc foi o que mais se destacou no cordel. No romance, como o que mais se destacou da personagem foi sua personalidade santificada construída pelo narrador, este optou por encerrar com o encontro de seu coração, que, por ser *santo*, o fogo não conseguiu consumir, deixando assim intacta sua *alma*.

4. CONCLUSÕES

No cotejo entre a representação do feminino nas obras de SILVA (s/d) e VERISSIMO (1997), podemos concluir que o feminino ganha seu espaço, ou o perde, na presença do masculino. Isto é visto em SCOTT (1995), que defende a ideia de que o gênero só se constitui em sociedade, no outro, em um todo. Levando ainda em consideração a relação de espaço e poder de que fala Daniele G. G. Silva (2011), chegamos à conclusão de que esta relação é que determina as ações e o espaço permitido para o feminino e para o masculino na sociedade.

Na narrativa de Verissimo, concordando com Marchi apud Mattos (2001), é o caráter religioso, cristão, moralista e disciplinador que mais se destacam. A construção do romance exaltou a jovem d'Arc e suas características psicológicas, seu sentimentalismo, sua *santidade*, a transformando em um mito. Por ser um romance, o autor teve a liberdade para representar Joana d'Arc sem ter que seguir a realidade histórica. Esta característica é o que mais o difere do cordel, gênero que tem a pretensão de manter uma proximidade com os fatos históricos: "Percorreu-se a sua localização, que se configura pelos indicadores de uma geografia "real" ou visionária, a que concorrem os dados de uma referência histórica ou "ideal", a depender" (FERREIRA, 1993, p. 3). Concordando com Medeiros e Holanda (2008), os autores do cordel trabalham ao longo dos anos mostrando para o sertanejo, os mais variados temas e acontecimentos ocorridos no Nordeste brasileiro ou em qualquer parte do mundo. Fica evidente, aqui, que a preocupação do cordelista é recontar o que se tem por verdadeiro em relação ao acontecimento histórico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRA, Jerusa Pires. **Cavalaria em Cordel – O Passo das Águas Mortas**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
- MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- MATTOS, J. Joana D'Arc entre a História e a Literatura: de Jules Michelet a Erico Verissimo. **EDOS – Revista do corpo discente do PPG – História da UFRGS**. Num. 7, vol. 3, p. 128-133, Fevereiro 2011.
- MEDEIROS, A. H. D.; HOLANDA, V. C. C. Geografia e literatura de cordel: trilhando práticas e possibilidades em sala de aula. **Revista Caminhos da Geografia**. Uberlândia, vol. 9, nº 28, p. 134-145, dez/2008.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 71-99, jul/dez 1995.

SILVA, D. G. G. Der Heiligen Leben (Vidas de Santos): poder e espaço nas legendas de Margaretha von Antiochien e Barbara. **Revista Signum**. Londrina, vol. 12, nº 1, p. 66-80, 2011.

SILVA, Delarme Monteiro. **Joana d’Arc – a heroína da França**. São Paulo: Editora Luzeiro, s/d.

VERISSIMO, Erico. **A vida de Joana d’Arc**. 17. ed. São Paulo: Globo, 1997.